



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião de seu voto nas eleições internas do PT**

**Brasília - DF, 16 de dezembro de 2007**

**Jornalista:** Já há alguma definição para a criação do novo imposto para financiar a saúde?

**Presidente:** Veja, não tem nenhuma decisão. A orientação que eu dei para o ministro da Fazenda quando viajei é que é preciso, nesse momento, a gente contar até dez. Não tem nenhuma medida precipitada. Nós sabemos o quanto é importante você manter superávit primário, sabemos o quanto é importante você manter uma política fiscal séria, porque nós estamos apenas encontrando o caminho do país crescer. Eu acredito que foi um gesto impensado. Se foi pensado, foi de má fé de algumas pessoas que votaram contra sabendo que causavam prejuízo – ou de 24 bilhões de reais da saúde, ou, com quatro anos, deixaram que a saúde pudesse chegar dos 40 aos 80 bilhões de reais. Obviamente que nós vamos ter que ver como é que nós vamos encontrar a saída, porque nós não vamos parar nenhuma obra do PAC, nós não vamos parar nenhuma política social que estamos fazendo e sabemos que nós temos que investir na saúde, melhorar a saúde.

De qualquer forma, eu vou viajar hoje à noite para a Bolívia, estarei voltando na terça-feira à noite porque vou à reunião do Mercosul. Na quarta-feira tem uma reunião com os ministros para pensar o que fazer... Mas com muita tranquilidade porque nós estamos terminando o ano numa situação muito boa do país, numa situação eu diria até privilegiada. As coisas estão tranquilas, o povo está tendo maior poder de compra, o consumo está crescendo e nós vamos começar 2008 numa situação também privilegiada. Ou seja, não tem crise, não tem susto. Nós temos tudo para começar 2008 com a



economia brasileira crescendo um pouco mais, com os empregos crescendo um pouco mais, de forma que eu estou feliz. Eu estou terminando o ano numa situação boa, o Brasil está vivendo um momento, eu diria, quase que mágico. Para quem viveu durante décadas em desespero, nós estamos muito equilibrados. O que aconteceu foi o resultado de um gesto democrático do Senado, em que, mesmo a gente tendo maioria, nós éramos obrigados a colocar uma maioria numa emenda constitucional e faltaram quatro votos. Eu acho que os senadores que votaram contra, uns votaram porque não querem que o governo dê certo mesmo, outros votaram acreditando na teoria do quanto pior melhor, alguns votaram com medo de ser cassados pelos seus partidos, ou seja, teve um pouco de tudo. O que nos deixa tranquilos é que a democracia é isso. Na democracia as instituições funcionam. Às vezes elas votam a favor da gente, às vezes elas votam contra e nós não podemos ficar zangados por isso. Nós temos de entender que isso, como resultado, e encontrar uma saída.

**Jornalista:** Como vai ficar a relação com o Senado e também como vai ficar a questão da saúde? Com a Saúde sem dinheiro tem muita gente com medo...

**Presidente:** Veja, a relação com o Senado vai ficar a mesma. O Senado é um poder importante, como todo o Congresso, um poder autônomo, uma instituição poderosa, e a relação tem de ser de independência, mas ao mesmo tempo de ser uma relação harmoniosa. O Senado agora tem um novo presidente, a tensão da CPMF acabou, com a votação, e nós agora temos que encontrar os caminhos. Vocês sabem que nós estamos para enviar ao Congresso Nacional uma proposta de política tributária. Obviamente que ela terá algumas mudanças em função da votação da CPMF. Nós estamos para lançar um programa de política industrial que era para ter lançado antes da votação da CPMF. Eu pedi para esperar, inclusive a pedido dos líderes, e



agora não vamos lançar no Natal, porque agora a cabeça das pessoas está pensando na festa do ano novo. O que nós queremos é agora, a partir de janeiro, como fizemos o PAC, apresentar a proposta de política industrial. E tocar o barco, tocar o barco.

**Jornalista:** O ministro Mantega ontem falou que iria criar um imposto para a saúde no início do próximo ano. Como é que o senhor avalia essa declaração do ministro Mantega?

**Presidente:** Eu avalio que ele vai ter de me convencer da necessidade disso. Ele falou para vocês, agora vai ter de colocar na minha mesa e eu vou decidir se vamos ou não vamos, se precisamos ou não precisamos. Eu quero ver todas as contas. Obviamente que eu trabalho com a expectativa de que se a economia crescer mais nós vamos arrecadar mais, porque as empresas vão produzir mais, vão ganhar mais dinheiro e portanto vão pagar mais. O que eu quero na verdade é que tudo fique na normalidade. Não existe nenhuma razão para ninguém estar nervoso. Não existe nenhuma razão para que alguém faça alguma loucura de tentar aumentar a carga tributária, de forma que nós vamos encontrar a saída. Eu estou tranquilo de que o país vive um momento bom e, portanto, o governo precisa entender que o momento é mais de reflexão do que de reação.